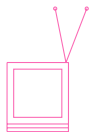


O ovo da serpente: a cultura da violência



Nesta aula, vamos avaliar a violência no mundo e abordar algumas de suas diferentes manifestações. Destacaremos a miséria em que vive grande parte dos homens como a origem da violência. Vamos analisar a violência contra a natureza que, em última análise, é também uma violência contra os próprios seres humanos.



Qual a origem da escalada de violência que explode em conflitos, guerras e tiroteios urbanos? De onde provêm tantas armas modernas e por que as drogas são tão consumidas no mundo atual?

A globalização trouxe novos e angustiantes problemas para a comunidade das nações e para os habitantes do planeta Terra. De um lado, emerge a consciência de que fazemos parte de um grande conjunto mundial; de outro, vemos que a exclusão dos benefícios do progresso é cada vez maior, deixando milhões de pessoas sob a ameaça da fome e da guerra, que hoje não acontece apenas nos lugares distantes, pois está presente nas grandes cidades brasileiras.



O problema da violência no mundo contemporâneo é extremamente complexo. Na realidade não existe violência, mas violências, que devem ser entendidas em seus contextos e situações particulares. Mas há um conjunto de variáveis que deve ser pensado, indiscutivelmente, como o patamar básico para as diferentes formas de violência: a pobreza, a miséria, a desigualdade na distribuição da renda. Embora esse conjunto não explique por si só a violência, ele atua como fator básico para a formação de um campo propício ao desenvolvimento de violências dos mais diferentes tipos. Partindo desse raciocínio podemos levantar algumas das diferentes situações atuais de violência no mundo.

A globalização da economia ampliou a circulação de capitais, tecnologias e produtos. Ao ampliar as atividades econômicas, ela favoreceu os negócios de duas mercadorias muito especiais: armas e drogas. Os negócios ilegais operam, hoje, em escala global, e não existe nenhum organismo internacional em condições de realizar ações repressoras eficazes contra essas atividades. A economia mundial passou a se comportar como uma máquina cada vez mais poderosa, violenta e incontrolável.

A Guerra Fria havia estruturado a idéia de que os conflitos nacionais ou internacionais estavam todos relacionados direta ou indiretamente à oposição Leste-Oeste. Com o fim da ordem bipolar, o clima de confrontação se desfez e as organizações internacionais passaram a atuar como forças de regulação dos conflitos regionais. Desde o final da Guerra Fria aumentaram as solicitações para reformular a Carta das Nações Unidas nos itens que determinam em que condições a organização pode intervir **nos assuntos de competência nacional**. Essas pressões têm aumentado por causa da multiplicação dos pedidos de socorro feitos pelos pequenos estados agredidos, pelas minorias dizimadas e pelas vítimas de guerras civis intermináveis.

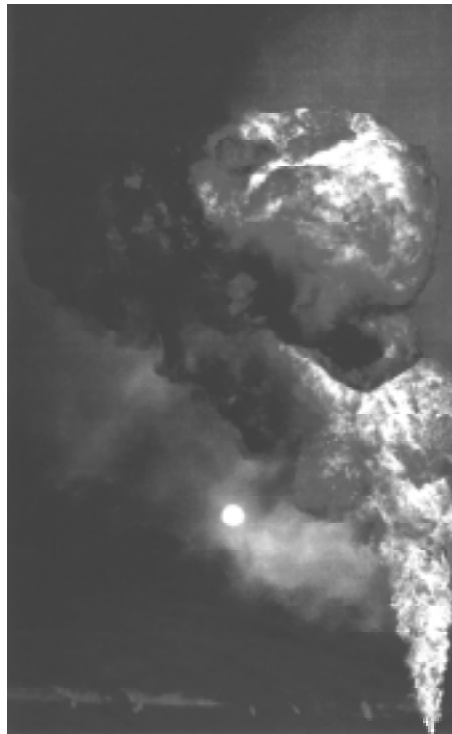
Nos anos que se seguiram à queda do Muro de Berlim, crises e conflitos como os ocorridos na Bósnia, em Ruanda, na Argélia, no Afeganistão e no sempre explosivo Oriente Médio, transformaram tais regiões em novas zonas de violência. Nesses conflitos nem sempre ficava clara a posição dos diferentes participantes e eram freqüentes as situações de desintegração dos Estados nacionais. A dificuldade de se classificar essas situações como “guerra” passava a exigir formas originais de atuação.

Entre 1989 e 1992, chegou-se a admitir que o **intervencionismo** seria a medida-chave. No Kuwait, a intervenção realizada pelos Estados Unidos foi feita em nome **da legítima defesa coletiva**, mas na Iugoslávia e na Somália era impossível aplicar o mesmo argumento, pois se tratavam de movimentos de **minorias** que lutavam para conquistar seus próprios territórios nacionais.

Alguns países, ao perderem a proteção da União Soviética, correram o risco de se desfingir. Por isso, a lógica do mercado, criando esperanças de vantagens econômicas, tornou-se o parâmetro da nova estratégia internacional, como revelam os projetos de desenvolvimento dos **dragões** ou **tigres** do Sudeste Asiático.

A violência contra a natureza não se manifesta, aparentemente, de forma tão explosiva quanto as situações já mencionadas aqui. Mas o **efeito estufa**, o **desaparecimento de espécies**, o **buraco na camada de ozônio**, as **chuvas ácidas**, a **desertificação** de algumas áreas, a **poluição** do ar – resultantes do crescimento econômico a qualquer preço – trazem conseqüências irreversíveis para o ambiente natural do planeta. São fatos que certamente mudarão as condições de vida na biosfera e poderão, até mesmo, torná-las insuportáveis para a espécie humana.

Desde a década de 1970, os problemas ecológicos passaram a ser discutidos mundialmente em termos de caos iminente. Se ocorrer de fato uma crise ecológica, ela, diferentemente das demais, será global e atingirá igualmente as áreas ricas e as pobres, pois na natureza não existem as fronteiras artificialmente criadas pelos homens.



A ação do homem aumentou o fluxo de substâncias tóxicas na atmosfera.

As políticas ecológicas que vêm sendo propostas não precisam chegar ao radicalismo de propor que o crescimento da produção mundial passe a ser zero, como forma de preservação do meio ambiente. Até porque essa decisão serviria para manter a atual distribuição desigual da riqueza mundial, que favoreceria os países economicamente mais avançados sem dar chance de desenvolvimento para os países mais pobres.

A taxa de desenvolvimento mundial deve ser reduzida, sim, mas ao limite do sustentável, ou seja, com base num equilíbrio entre os homens, os recursos (renováveis ou não) utilizados e os seus efeitos sobre o meio ambiente.

Mas, entre todas as situações vividas no mundo atual, aquela que provavelmente irá se tornar a principal causa de tensão e violência no século XXI é o aprofundamento do fosso que separa os países ricos dos países pobres. Hoje, entre os primeiros, alastra-se um sentimento xenófobo responsável por ações dirigidas contra os imigrantes do Terceiro Mundo.

Se a prática mostrou que ainda não existe um sistema econômico capaz de competir com o capitalismo, também é necessário reconhecer a incapacidade do sistema de mercado de eliminar as desigualdades sociais e os bolsões dos excluídos. No mundo contemporâneo, marcado pela revolução técnico-científica, a generalização do bem-estar e a redução das desigualdades devem ser as principais prioridades. Porém, o modo como essas ações vão se realizar é a grande incógnita.

A política do novo século deve ser dominada pela distribuição social. A alocação dos recursos sem o objetivo exclusivo do lucro é essencial para essa nova ordem, mas isso vai depender da restauração da autoridade pública nacional ou supranacional. A ONU, nesse quadro, deveria exercer um papel mais explícito e desenvolver ações mais enérgicas.

Não há solução milagrosa para o desmoronamento dos Estados nem receitas de pacificação para as guerras civis. Rompida a política bipolar, reativaram-se antigos conflitos que mostram a impotência das instituições internacionais para resolvê-los. Neste final de século, os homens estão tateando os caminhos para o século XXI. Enquanto se instala uma (des)ordem global, sem um mecanismo capaz de acabar com ela ou mantê-la sob controle, falta um sistema internacional que supervisione o novo desenho do mundo.

No filme *O ovo da serpente*, do cineasta sueco Ingmar Bergman, é retratada a difícil situação vivida pela Alemanha nos anos 20 – inflação devastadora, desemprego, crise. Ao encontrar a solução para a situação de violência apresentada no filme, um dos personagens afirma: “É como o ovo da serpente. Nele você pode acompanhar o desenvolvimento do monstro que está sendo gerado.” Essa parece ser uma das poucas certezas deste final de século. Estamos assistindo, na nova ordem mundial, a uma escalada da violência.



Nesta aula você aprendeu que:

- a **violência** no mundo contemporâneo é muito complexa, mas a **pobreza** e a **desigualdade de renda** são as suas origens indiscutíveis. A ruptura do mundo bipolar estimulou a formação de uma nova ordem global marcada pelo surgimento de numerosos **conflitos** e pela **dissolução de Estados nacionais**;

- a longo prazo, os problemas centrais são a **desigualdade** entre os países ricos e pobres e a **questão ambiental**. O **desenvolvimento sustentável** propõe um equilíbrio entre a ação dos homens, o uso dos recursos e os efeitos das atividades econômicas sobre o meio ambiente;
- a partir de 1989, têm aumentado as solicitações para uma ação mais enérgica das **organizações internacionais**, incapazes, até aqui, de atender às solicitações da nova ordem mundial, mas a violência se institucionalizou e se transformou na grande ameaça do novo século.

Exercício 1

Leia com atenção o texto a seguir. Identifique, nele, “o patamar básico das diferentes formas de violência do mundo contemporâneo”.

“Quando a Guerra Fria amainou e as fronteiras ideológicas começaram a desaparecer, nos vimos dentro de outra macro-geografia, a das fronteiras econômicas. Estas são visíveis demais. Separam bairros, dividem ruas, – e você as cruza todos os dias. No trajeto entre o seu condomínio cercado e seu escritório, ar condicionado dentro do seu carro importado, você as cruza mais de uma vez. Passa por flóridas, suíças, bangladeshes, algumas bolívias e em cada sinal que pára está na Somália. É impossível defender essa fronteira. A grande questão do fim do século é como defender seu perímetro pessoal da miséria impaciente e predadora. Os americanos não podem ajudar dessa vez. A fronteira maluca ziguezagueia dentro dos Estados Unidos também.”

VERÍSSIMO, L. F. Fronteiras. Jornal do Brasil, 7/4/1996.



Exercício 2

A Europa foi, em vários momentos da História, pólo irradiador de migrações, de onde saíram levas de homens e mulheres na direção de várias partes do mundo. No entanto, a atual situação dos processos migratórios para a Europa tem apresentado um novo panorama, cuja principal característica é a hostilidade em receber novos migrantes.

Apresente duas manifestações contrárias à presença de imigrantes nos países da União Européia.

Exercício 3

Durante uma semana, procure e recorte, em jornais diários, diferentes situações de violência.